

ARMAS INTELIGENTES, SUPOSIÇÕES TOLAS: ILUSÕES ESTRATÉGICAS OCIDENTAIS ENCONTRAM A REALIDADE INDUSTRIAL NA UCRÂNIA

Por David J. Betz* e M.L.R. Smith**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A guerra na Ucrânia revela o choque entre as ilusões digitais ocidentais e as realidades da guerra industrial; a massa e o atrito continuam vitais em uma guerra.

A pesar de todos os vastos comentários na mídia ocidental sobre a guerra Russo-Ucraniana, um fato persistente permanece: além do teatro de operações imediato do conflito, poucos observadores possuem uma compreensão clara e consistente dos eventos em campo. A névoa da guerra — historicamente produto da confusão no campo de batalha — se adensou na era digital, não apenas por meio de narrativas estratégicas conflitantes e imagens descontextualizadas de drones, mas também pelas névoas predominantes do otimismo ocidental.

Por quase três anos, um fluxo constante de comentários — muitas vezes de autores cuja proximidade com o conflito é mais editorial do que operacional — tem propagado previsões com forte convicção, mas pouca corroboração. Uma série familiar de vozes atlantistas¹, complementada pelas páginas de opinião da maioria dos principais jornais, tem repetidamente garantido ao público que a vitória está ao alcance da

¹ Anne Applebaum, 'Ukraine War: Trigger for Global Change', Pictet, 15 June 2023, <https://www.pictet.com/us/en/insights/am/trigger-for-global-change>.

Ucrânia², ou que o regime do presidente russo Vladimir Putin está à beira do colapso³. Essas declarações, raramente ancoradas nas realidades do campo de batalha, serviram menos como análise estratégica e mais como garantia psicológica: terapia disfarçada de *insight*.

Esse gênero de gerenciamento de moral se encaixou perfeitamente com as ilusões que definiram a ortodoxia militar ocidental pós-Guerra Fria. Líderes políticos e planejadores de defesa vislumbraram com confiança uma nova era de guerra — rápida e cirúrgica — executada por forças expedicionárias simplificadas, empregando munições de precisão e sistemas de comando em rede. A guerra, nessa visão, seria não apenas decisiva, mas também decorosa: travada à distância e, metaforicamente falando, terminada antes do almoço.

Em vez disso, eles tiveram Bakhmut.

Este ensaio busca dissecar o choque entre as ilusões da era digital e as realidades da era industrial. A guerra na Ucrânia expôs a fragilidade das premissas militares ocidentais nas últimas três décadas, não por meio de uma reinvenção estratégica deliberada, mas pela reafirmação da natureza primordial da guerra — arrastando a teoria ocidental de volta de suas abstrações digitais para a lógica rígida da força, do atrito e da vontade política sustentada.

O Fim da História não chegou. O Retorno da Artilharia, sim.

ILUSÕES DIGITAIS, REALIDADES CINÉTICAS

A digitalização — outrora anunciada como a vantagem estratégica definitiva do Ocidente⁴ — não produziu os retornos políticos decisivos que seus defensores previram com tanta confiança. A teoria era sedutoramente simples: combinando munições de precisão, vigilância em tempo real e comando em rede, guerras poderiam ser vencidas de forma rápida, limpa e econômica⁵. A doutrina foi consagrada na noção, a partir de meados da década de 1990, que visava “impor” um “nível avassalador de

² Veja, por exemplo, Justin Huggler, ‘The Week Vladimir Putin Lost Control’, 4 March 2022, <https://www.telegraph.co.uk/world-news/2022/03/04/week-vladimir-putin-lost-control-war/>; Richard Kemp, ‘Putin Cannot Survive Another Year Like 2024’, Daily Telegraph, 2 January 2025, <https://www.telegraph.co.uk/news/2025/01/02/putin-failed-every-objective-in-ukraine-in-2024-russia-war/>; Ben Wallace, ‘History Proves Putin Can Be Defeated’, Daily Telegraph, 23 February 2024; <https://www.telegraph.co.uk/news/2024/02/23/history-proves-that-putin-can-be-defeated/>; Hamish de Bretton Gordon, ‘Ukraine is Humiliating Putin at the Worst Possible Moment’, Daily Telegraph, 6 January 2025, <https://www.telegraph.co.uk/news/2025/01/06/ukraine-is-humiliating-putin-at-the-worst-possible-moment/>.

³ Veja Peter Dickinson, ‘Zelenskyy Advisor: Defeat in Ukraine Will Spark Collapse of Putin Regime’, Atlantic Council, 31 July 2023, <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/zelenskyy-advisor-defeat-in-ukraine-will-spark-collapse-of-putin-regime>; ‘Former CIA Agent Predicts Vladimir Putin To Be Overthrown in “Black Swan” Coup’, New York Post, New York Post, 23 December 2023, <https://nypost.com/2023/12/23/news/former-cia-agent-predicts-russian-president-vladimir-putin-is-about-to-be-toppled/>.

⁴ Andrew F. Krepinevich, *The Military Technological Revolution: A Preliminary Assessment* (Washington, DC: Center for Strategic and Budgetary Assessment, 2002).

⁵ U.S. Army Training and Doctrine Command (TRADOC), *U.S. Army in Multi-Domain Operations 2028*, TRADOC Pamphlet 525-3-1 (Fort Eustis, VA, 6 December 2018). Curiosamente, este documento contém uma declaração manuscrita de que ‘A VITÓRIA COMEÇA AQUI!’ no final da carta de apresentação do Comandante do TRADOC, General Stephen J. Townsend.

Choque e Pavor contra um adversário, de forma imediata ou em tempo hábil o suficiente para paralisar sua vontade de prosseguir”⁶.

Mas, como Carl von Clausewitz alertou há quase dois séculos, a guerra é um choque de vontades — recíproco, imprevisível e fundamentalmente político⁷. Não é um exercício eficiente de gestão de sistemas, nem uma vitrine tecnológica. É violência organizada levada a cabo para fins políticos. A guerra é confusa e brutal. E sempre resistente a soluções organizadas.

O que essas doutrinas frequentemente não conseguiram compreender é um ponto tão antigo quanto a própria estratégia e certamente conhecido por aqueles que possuem experiência em guerra: os adversários se adaptam⁸. E esses adversários investiram não apenas em domínio baseado em nuvem, aplicativos ou plataformas digitais, mas também em meios muito mais tradicionais: massa, resistência e profundidade industrial⁹.

A ideia de que a superioridade digital tornaria a guerra convencional obsoleta e que o futuro da guerra não pertencia a exércitos e tanques de massa, mas a redes descentralizadas e ataques de precisão¹⁰ — não se mostrou apenas excessivamente otimista — foi invertida. A Rússia e outros atores se apropriaram dessas mesmas ferramentas, despojaram-nas de sua estrutura idealista e as empregaram de forma pragmática, econômica e em larga escala.

O Ocidente, por outro lado, tornou-se cada vez mais fascinado por sua própria mitologia digital: uma visão de guerra conduzida por meio de código e conectividade, onde os valores liberais poderiam pegar carona no algoritmo¹¹. Em nenhum lugar isso foi mais evidente do que no entusiasmo pela “guerra cibernética”¹². Esse domínio tem sido há muito tempo alardeado pelos formuladores de políticas ocidentais como tendo a capacidade de transformar a natureza do conflito, embora seus efeitos estratégicos reais tenham frequentemente ficado aquém¹³.

Sistemas avançados de armas baseados em IA têm o potencial de alterar significativamente o caráter da guerra, e os analistas ocidentais estão certos em

⁶ Harlan Ullman, James Wade, with L.A. Edney, Frederick Franks, Charles Horner, Jonathan Howe, Keith Brendley, *Shock and Awe: Achieving Rapid Dominance* (Washington, DC: National Defense University, 1996), p. xxv.

⁷ Carl von Clausewitz, *On War* (trans. and ed. Michael Howard and Peter Paret) ((Princeton, NJ: Princeton University Press, 1976), p. 167.

⁸ Mick Ryan, ‘The Battle to Adapt to Russia’s Evolving War Tactics is Essential if Ukraine is to Emerge Victorious’, ABC News (Australia), 18 July 2023, <https://www.abc.net.au/news/2023-07-18/russia-ukraine-battle-to-adapt-war-strategy/102609238>.

⁹ David Betz, *Carnage and Connectivity: Landmarks in the Decline of Conventional Military Power* (London: Hurst, 2015), pp. 63-82.

¹⁰ Barry D. Watts, ‘Precision Strike: An Evolution’, *The National Interest*, 2 November 2023, <https://nationalinterest.org/feature/precision-strike-evolution-9347>.

¹¹ Manuel Castells, *The Rise of the Network Society: The Information Age: Economy, Society* (Oxford: Wiley-Blackwell, 2009).

¹² Richard A. Clarke and Robert K. Knake, *Cyber War: The Next Threat to National Security and What to Do About It* (New York: HarperCollins, 2012).

¹³ Ken Sengupta, ‘Cyber Warfare a Key Part of UK’s “Full-Spectrum” Defence Plan, Boris Johnson to Say’, *The Independent*, 15 March 2021, <https://www.independent.co.uk/news/uk/politics/cyber-warfare-uk-boris-johnson-integrated-review-b1816892.html>.

reconhecer sua utilidade e promessa¹⁴. A dificuldade surge, no entanto, quando tais tecnologias são vistas como substitutas — e não como complementos — das constantes inevitáveis da guerra: a concentração de forças e os custos físicos inevitáveis do combate sustentado.

A realidade empírica continua a confirmar esses preceitos fundamentais. A digitalização da guerra não levou à sua desmaterialização, mas sim à sua mediação em tempo real — guerras transmitidas ao vivo, memorizadas e comercializadas para consumo popular. Em um mundo hiperconectado, o conflito é cada vez mais encenado para espectadores globais¹⁵. Mas se o meio mudou, as consequências não mudaram¹⁶. A guerra continua sangrenta, destrutiva e — apesar de toda a intrusão de drones de alta tecnologia e IA no campo de batalha — ainda profundamente humana¹⁷. A tecnologia pode mudar a forma como matamos, mas não o porquê de matarmos ou o que matar nos causa¹⁸.

DOS SONHOS LÍQUIDOS AO CONCRETO ARMADO

Faríamos bem em relembrar a miragem intelectual que moldou o pensamento militar e estratégico ocidental nos anos agitados que se seguiram à Guerra Fria — uma era em que se acreditava que a história havia terminado e que as fronteiras estavam se dissolvendo. Foi uma época em que Francis Fukuyama declarou serenamente o triunfo da democracia liberal¹⁹, Zygmunt Bauman nos apresentou à “modernidade líquida”²⁰, Michael Mandelbaum especulou sobre o declínio dos conflitos entre grandes potências²¹ e Kenichi Ōmae profetizou a chegada de um “mundo sem fronteiras”, achatado pelos mercados globais e lubrificado pelos fluxos digitais²².

Essas visões não envelheceram bem. Em vez de dissolver fronteiras, a era digital tornou a fortificação novamente em moda. Longe de inaugurar uma utopia pós-territorial sem emendas, estamos testemunhando um ressurgimento global de muros — físicos, digitais e estratégicos²³. Cercas de fronteira, bem como barricadas de

¹⁴ Veja por exemplo os comentários informados de Dominic Cummings (ex-assessor-chefe do primeiro-ministro britânico Boris Johnson) contido em sua palestra para a Fundação Pharos, ‘A Government Insider on Why Immigration Got Out of Control’, Pharos Foundation, 20 June 2025, YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=UdqRRapzCqs>.

¹⁵ Veja Roger Stahl, *Militainment, Inc: War, Media, and Popular Culture* (London: Routledge, 2009).

¹⁶ Antoine Bousquet, *The Scientific Way of Warfare: Order and Chaos on the Battlefields of Modernity* (London: Hurst, 2009).

¹⁷ Veja Samuel Moyn, *Humane: How the United States Abandoned Peace and Reinvented War* (London: Verso, 2022).

¹⁸ Veja Christopher Coker, *Humane Warfare* (London: Routledge, 2001).

¹⁹ Francis Fukuyama, *The End of History and the Last Man* (New York: Free Press, 1991).

²⁰ Zygmunt Bauman, *Liquid Modernity* (Cambridge: Polity, 2000).

²¹ Michael Mandelbaum, ‘Is Major War Obsolete?’ *Survival*, Vol. 40, No. 4 (1998), pp. 20-38.

²² Kenichi Ōmae, *The Borderless World: Power and Strategy in the Interlinked Economy* (New York: HarperCollins, 1990).

²³ Stephen Graham, *Cities Under Siege: The New Military Urbanism* (London: Verso, 2011), pp. 89-152.

segurança interna, estão proliferando, escudos antimísseis estão se expandindo e *bunkers* de comando reforçados estão novamente em voga²⁴.

E no campo de batalha — de Gaza a Donbass — não são *hashtags*, pacotes de dados ou “vitórias” narrativas que estão ganhando espaço²⁵. São escavadeiras, concreto e homens entinchados atrás de sacos de areia e fogo de artilharia, até os joelhos na ferrugem e na lama da guerra analógica²⁶.

O futuro da guerra, afirmava-se, seria leve, fluido e sem atrito²⁷. A precisão substituiria a massa. Os conflitos seriam travados com execução impecável, resolvidos de forma limpa antes do próximo ciclo eleitoral. No entanto, o que emergiu não é uma mudança de paradigma, mas um *flashback* histórico: aço, trincheiras e a longa e exaustiva aritmética do desgaste²⁸.

Sem dúvida, os drones agora circulam os céus, trazendo consigo um novo vocabulário visual de guerra e um conjunto expandido de ferramentas para vigilância e seleção de alvos²⁹. Mas seu efeito estratégico tem sido amplificar, em vez de transformar, os modos tradicionais de guerra. Em vez de revolucionar o campo de batalha, eles o industrializaram novamente — embora com resolução 4K e enquadramento cinematográfico.

A guerra, ao que parece, não se desmaterializou. Ela se reindustrializou — com melhor largura de banda e infográficos muito mais elegantes.

UCRÂNIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE EXAGERO ESTRATÉGICO E PENSAMENTO ILUSÓRIO

A guerra na Ucrânia pretendia ser uma demonstração da maestria estratégica ocidental — um campo de provas onde a sofisticação tecnológica, o poderio econômico e a autoridade moral da OTAN se combinariam para conter a agressão russa sem envolvimento militar direto³⁰. A Ucrânia, inicialmente dependente de

²⁴ David Betz, *The Guarded Age: Fortification in the Twenty-First Century* (Cambridge: Polity, 2024).

²⁵ Lawrence D. Freedman, ‘Kyiv and Moscow Are Fighting Two Different Wars’, *Foreign Affairs*, 17 February 2023, <https://www.foreignaffairs.com/ukraine/kyiv-and-moscow-are-fighting-two-different-wars>.

²⁶ Michael Kofman, Rob Lee and Dara Massicot, ‘Hold, Build, and Strike: A Vision for Rebuilding Ukraine’s Advantage in 2024’, *War on the Rocks*, 26 January 2024, <https://warontherocks.com/2024/01/hold-build-and-strike-a-vision-for-rebuilding-ukraines-advantage-in-2024/>.

²⁷ Kris Osborn, ‘Here Is the Army’s Hyper-Networked Vision of Future War’, *The National Interest*, 2 June 2020, <https://nationalinterest.org/blog/buzz/here-armys-hyper-networked-vision-future-war-159446>.

²⁸ Simon Stuart, ‘Ukraine Underlines Enduring Nature of Warfare’, *The Australian*, 11 September 2024, <https://www.theaustralian.com.au/special-reports/ukraine-underlines-enduring-nature-of-warfare/news-story/155bc9058600bc12c510f2e352349b1d>.

²⁹ Grace Jones, Janet Egan e Eric Rosenbach, ‘Advancing in Adversity: Ukraine’s Battlefield Technologies and Lessons for the U.S.’, *Policy Briefs*, 31 July 2023 (Belfer Center for Science and International Affairs, Harvard University), <https://www.belfercenter.org/publication/advancing-adversity-ukraines-battlefield-technologies-and-lessons-us>.

³⁰ North Atlantic Treaty Organization (NATO), Factsheet, November 2018, https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_2018_11/20181106_1811-factsheet-nato-ukraine-support-eng.pdf; Ariel Cohen, ‘Russia’s War on Ukraine: Moscow’s Pressure Points and U.S. Strategic Opportunities’, *Atlantic Council*, 1 October 2024, <https://www.atlanticcouncil.org/content-series/russia-tomorrow/moscows-pressure-points-and-us-strategic-opportunities/>; European Council, ‘Russia: EU Renews Economic Sanctions Against Russia’s Military Aggression for Further Six Months’, 26 July 2022, <https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2022/07/26/russia-eu-renews-economic>.

armamento da era soviética, foi gradualmente armada com material ocidental — fornecido de forma desigual e, muitas vezes, com atrito logístico — em meio a uma onda mais ampla de apoio financeiro, diplomático e de inteligência³¹.

Embora os líderes ocidentais retratassem seus objetivos como a contenção do conflito e o apoio à soberania ucraniana³², o efeito cumulativo — e, às vezes, o subtexto mal disfarçado — era algo mais abrangente: desacreditar o Kremlin, enfraquecer o Estado russo e reafirmar a fé decadente do Ocidente em sua própria direção histórica, pós-Guerra Fria³³. Se a humilhação não era o objetivo formal, era frequentemente o resultado desejado.

Tomar a contenção oficial ocidental como certa é ignorar o contexto ideológico e estratégico mais profundo — particularmente a longa tradição de triunfalismo retórico e fantasias de mudança de regime que permeiam os círculos políticos ocidentais. Como o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS) observou com impressionante franqueza: “O Ocidente não tem uma estratégia de mudança de regime na Rússia. No entanto, se a Ucrânia conseguir encerrar o conflito em seus próprios termos, o regime de Putin poderá cair. Uma guerra fracassada... torna o colapso do regime um resultado possível.”³⁴ O fato de tal resultado ser publicamente cogitado — até mesmo bem-vindo — sugere uma ambição mais ampla do que a mera contenção.

De fato, o roteiro público pode ter enfatizado a estabilidade e a soberania, mas o tom subjacente — como ecoado nos comentários da mídia, na literatura de *think tanks* e na retórica governamental — frequentemente pendeu para a ambição punitiva, a deslegitimação sistêmica e, às vezes, o desmembramento total do Estado russo³⁵. O Conselho do Atlântico foi ainda mais explícito em sua formulação, defendendo que o

[sanctions-over-russia-s-military-aggression-against-ukraine-for-further-six-months/](#); NATO, ‘Press Briefing by NATO Secretary General Jens Stoltenberg Following an Extraordinary Meeting of the North Atlantic Council’, 24 February 2022, https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_192408.htm; Reuters, Dismissing Russian criticism, U.S. Senator Graham Praises Ukrainian Resistance’, 29 May 2023, <https://www.reuters.com/world/russia-condemns-us-senator-grahams-comments-death-russians-2023-05-28/>.

³¹ ‘Ukraine Has an Array of New Western Weapons: What Advantages Could They Offer in a Counteroffensive?’ The Independent, 30 June 2023, <https://www.independent.co.uk/news/ukraine-ap-soviet-kyiv-russia-b2366977.html>; Kateryna Bondar, ‘How Ukraine Rebuilt Its Military Acquisition System Around Commercial Technology’, CSIS, 13 January 2025, <https://www.csis.org/analysis/how-ukraine-rebuilt-its-military-acquisition-system-around-commercial-technology>.

³² Veja por exemplo Luigi Scazzieri, ‘How the West Can Contain – And End – the Conflict in Ukraine’, Centre for European Reform, 15 September 2017, pp. 1-4; Rita Floyd e Mark Webber, ‘Making Amends: Emotions and the Western Response to Russia’s Invasion of Ukraine’, International Affairs, Vol. 100, No. 3 (2024), pp. 1149–1169.

³³ Veja por exemplo Peter Dickinson, Arming Ukraine is Cheap Compared to the Far Higher Price of Russian Victory’, Atlantic Council, 26 October 2023, <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/arming-ukraine-is-cheap-compared-to-the-far-higher-price-of-russian-victory/>.

³⁴ Max Bergman, What Could Come Next? Assessing the Putin Regime’s Stability and Western Policy Options’, CSIS, 20 January 2023, <https://www.csis.org/analysis/what-could-come-next-assessing-putin-regimes-stability-and-western-policy-options>.

³⁵ U.S. Helsinki Commission, ‘Decolonizing Russia: A Moral and Strategic Imperative’, Commission on Security and Cooperation in Europe, 23 June 2022, <https://www.csce.gov/briefings/decolonizing-russia-a-moral-and-strategic-imperative/>.

Ocidente deveria “minar o apoio interno russo à guerra, destruir o mito da superioridade militar russa e reduzir a esfera de influência do Kremlin.”³⁶

Sob essa perspectiva, Washington e seus aliados pareciam menos interessados em retornar a uma ordem internacional estável do que em usar a guerra como um campo de provas para uma reafirmação da ascendência liberal. Como argumentou um relatório da *Brookings*: “‘Choque e pavor’ deve ser o leitmotiv para limitar a capacidade econômica da Rússia de travar uma guerra.”³⁷ Mesmo que não tenha sido oficialmente articulada como tal, essa justificativa carregava uma lógica nitidamente retaliatória, que ia além de considerações táticas e se desviava para o terreno da retribuição ideológica.

Em vez disso, a guerra por procuração do Ocidente na Ucrânia começou a se assemelhar a um lançamento de produto fracassado — prometido em excesso, entregue de menos e ainda se arrastando com os gases de escape de seu próprio *marketing*. Embora as expectativas ocidentais iniciais fossem marcadas por cautela — especialmente em partes da Europa que presumiam uma rápida vitória russa —, elas rapidamente deram lugar a uma retórica crescente assim que a Ucrânia se manteve firme. Em poucas semanas, a narrativa passou da solidariedade defensiva para algo muito mais grandioso: promessas de apoio “*pelo tempo que for preciso*”³⁸, declarações abrangentes sobre uma luta global pela democracia³⁹ e a reformulação da Ucrânia como “*parte da nossa família europeia*”⁴⁰.

Os objetivos estratégicos da guerra metastatizaram para além da racionalidade política, tornando-se parte integrante da própria identidade política e moral do Ocidente. Agora, com a vitória ilusória e o ímpeto estagnado, a guerra tornou-se custosa demais para ser abandonada e incômoda demais para ser reconhecida como um fracasso. Está profundamente enredada na retórica maximalista e nas autoconcepções morais da Rússia e do Ocidente para ser resolvida de forma clara. O resultado é que não existe uma saída óbvia para nenhum dos lados⁴¹.

Vale a pena catalogar os erros de julgamento subsequentes:

• **Soft Power:** Um conceito há muito valorizado nos círculos políticos ocidentais, que denota o uso de ferramentas não militares para alavancar instrumentos de persuasão

³⁶ Taras Kuzio, ‘A Russian Invasion of Ukraine Could be Vladimir Putin’s Downfall’, Atlantic Council, 21 December 2021, <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/a-russian-invasion-of-ukraine-could-be-vladimir-putins-downfall/>.

³⁷ Torgjörn Becker and Yuriy Gorodnichenko, ‘Time for a Complete Ban on Economic Ties with Russia’, Economics at Brookings, Policy Brief, July 2024, p. 1.

³⁸ Franco Ordoñez, ‘Biden Says He’ll Back Ukraine As Long as it Takes: But Some Take Aim at the Price Tag’, NPR, 20 February 2023, <https://www.npr.org/2023/02/20/1141689717/ukraine-russia-biden-funding>.

³⁹ Susan Stokes, ‘The Global Struggle for Democracy Is in Ukraine’, Project Syndicate, 4 March 2022, <https://www.project-syndicate.org/commentary/ukraine-center-of-global-struggle-for-democracy-by-susan-stokes-2022-03>.

⁴⁰ Ursula von der Leyen, ‘Speech by President von der Leyen at the Munich Security Conference 2025’, 18 February 2025, https://www.eeas.europa.eu/delegations/ukraine/speech-president-von-der-leyen-munich-security-conference-2025_en?s=232/.

⁴¹ M.L.R. Smith e Samir Puri, ‘Every War Must End: And it is Time to End Western Magical Strategic Thinking in Ukraine’, Military Strategy Magazine Exclusives, 19 September 2024, <https://www.militarystrategymagazine.com/exclusives/every-war-must-end-and-it-is-time-to-end-western-strategic-magical-thinking-in-ukraine/>.

cultural e conquistar corações e mentes sem recorrer à força⁴². Mas corações, como se vê, não estão à venda e as mentes estão ocupadas demais navegando por imagens de drones no *TikTok* ou desligando completamente⁴³. Operações de influência baseadas em embaixadas agitando bandeiras do Orgulho e *hashtags* de dedos em riste não conseguiram comover o público nem as linhas de frente⁴⁴.

- **Guerra Econômica:** As tão alardeadas “sanções do inferno”⁴⁵ tinham como objetivo destruir a economia russa em pouco tempo⁴⁶. Em vez disso, o PIB da Rússia ultrapassou grande parte da Zona do Euro, cuja capacidade industrial continua a vacilar⁴⁷. A Alemanha, por outro lado, colocou seu setor manufatureiro em uma espécie de coma autoinduzido — danos colaterais em um empreendimento moral que negligenciou fazer contas antes de apertar o gatilho⁴⁸.

- **Credibilidade Estratégica:** Antes polida pela mística da Guerra Fria, a reputação da OTAN agora oscila entre um resquício cerimonial e uma empresa de relações públicas em tempos de crise. A aliança se assemelha cada vez mais a uma sessão espírita para um propósito estratégico desaparecido — mãos entrelaçadas ao redor da mesa, murmurando *slogans*, esperando que o fantasma de 1989 se manifeste e lhes diga o que fazer⁴⁹. Ela oscila entre a sinalização de virtude e a inflação de ameaças, sem saber se visa dissuadir adversários ou simplesmente se assegurar de que ainda importa.

A realidade subjacente é punitiva, embora dificilmente obscura: estrategicamente, a Ucrânia já perdeu, no sentido de que agora é cada vez mais difícil visualizar a recuperação total de seu território pré-2022 — sem falar na Crimeia, perdida para a Rússia em 2014. Embora alguns insistam que a Ucrânia ainda pode prevalecer simplesmente evitando a derrota⁵⁰, isso é menos uma estratégia do que um padrão de

⁴² Joseph Nye, *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (New York: Public Affairs, 2004). Essas ferramentas podem incluir diplomacia, assistência humanitária e esforços para fortalecer as instituições de governança. Em outras palavras, ferramentas bastante comuns de política.

⁴³ Michael Savage and Kiran Stacey, ‘Ministers Accused of Being “Asleep at the Wheel” Over UK’s Soft Power Around the World’, *The Guardian*, 7 June 2025, <https://www.theguardian.com/uk-news/2025/jun/07/ministers-accused-of-being-asleep-at-the-wheel-over-uk-soft-power-around-the-world>.

⁴⁴ U.S. Embassy in Ukraine, ‘LGBTI Pride Month’, 1 June 2018, <https://ua.usembassy.gov/lgbti-pride-month/>; Conor Finnegan, ‘Biden Admin. Grants “Blanket Authorization” to Fly Pride Flag at Embassies’, *ABC*, 24 April, 2021, <https://abcnews.go.com/Politics/biden-admin-grants-blanket-authorization-fly-pride-flag/story?id=77270757>.

⁴⁵ ‘Kostiantyn Yeliseiev, ‘A Call to Impose “Sanctions from Hell” on Russia’, *EU observer*, 16 March 2022, <https://euobserver.com/eu-and-the-world/arf5a0479f>.

⁴⁶ Congressional Research Service, ‘Russia’s War on Ukraine: The Economic Impact of Sanctions’, 3 May 2022, https://www.congress.gov/crs_external_products/IF/PDF/IF12092/IF12092.1.pdf.

⁴⁷ ‘IMF raises forecast for growth in Russia’s GDP by 0.1 pp in 2025, global estimate also positive thanks to U.S.’, *Interfax*, 17 January 2025, <https://interfax.com/newsroom/top-stories/109234/>.

⁴⁸ Matthew Karnitschnig, ‘Rust Belt on the Rhine’, *Politico*, 13 July 2023, <https://www.politico.eu/article/rust-belt-on-the-rhine-the-deindustrialization-of-germany/>; Piero Cingaro, ‘Germany’s Economic Struggles Deepen: A Back-to-Back Recession Loom’, 9 October 2024, *Euronews*, <https://www.euronews.com/business/2024/10/09/germanys-economic-struggles-deepen-a-back-to-back-recession-looms>.

⁴⁹ Veja por exemplo Dan Sabbagh, ‘Russia Could be Ready to Attack NATO Within Five Years, Says Secretary General’, *The Guardian*, 10 June 2025, <https://www.theguardian.com/world/2025/jun/09/nato-chief-russia-quantum-leap-defence>.

⁵⁰ See Mark Voyager e Yuliya Shtaltovna, ‘Ukraine’s Daring Drone Victory Is a Win for the US, Too’, *The National Interest*, 10 June 2025, <https://nationalinterest.org/feature/ukraines-daring-drone-victory-is-a-win-for-the-us-too>.

espera. De fato, a noção de que a Ucrânia ainda pode vencer, desde que não perca, aproxima-se perigosamente da tautologia e foge da questão estratégica ao substituir a vitória pela persistência.

Subjacente a isso, há uma tendência mais ampla no discurso ocidental de redefinir o sucesso como uma resolução indefinida — “pelo tempo que for preciso” — uma expressão que entrou no léxico estratégico ocidental já em 2010⁵¹. De fato, a situação evoca a escalada estrategicamente inexplicável da Primeira Guerra Mundial. Nesse caso, o conflito atingiu um clímax transformador da ordem global porque, tendo se comprometido tão ferozmente com a vitória (qualquer que fosse a definição), nenhum líder político poderia ser desalojado do imperativo de demonstrar a força e a vontade superiores de seu próprio lado. Pior ainda, ninguém conseguia escapar do medo corrosivo da derrota — e da percepção que essa derrota poderia acarretar, cujas consequências se tornavam cada vez mais difíceis de contemplar. No entanto, talvez o mais fatal de tudo tenha sido a inexorável necessidade política, uma vez iniciados os combates, de persuadir as populações de que seus sacrifícios não foram em vão⁵².

A retórica do compromisso ilimitado tem uma vida útil confiável: soa resoluto, adia questões difíceis e convenientemente permite que quase tudo passe por progresso — até que não passe. Estrategicamente, no entanto, é ambígua e — como sugere o histórico de exageros ocidentais em lugares como o Afeganistão —, em última análise, insustentável. A guerra tem sido frequentemente defendida como um triunfo da eficácia estratégica. Enquanto os ucranianos estiverem lutando, o Ocidente aparentemente se beneficia da degradação militar russa sem custo direto para si mesmo. Como disse sem rodeios o senador americano Lindsey Graham: “*Gosto do caminho estrutural que estamos trilhando aqui. Enquanto ajudarmos a Ucrânia com as armas de que necessita e o apoio econômico, eles lutarão até à última pessoa.*”⁵³

Tal posição é moralmente cínica, mas ainda pode ser justificável como uma questão de *realpolitik* imparcial — se, isto é, a lógica militar e econômica subjacente fosse sólida. O problema é que não é. Como admitiu recentemente o general de topo da OTAN, Christopher Cavoli, “*Apesar das extensas perdas no campo de batalha na Ucrânia, o Exército russo está se reconstituindo e crescendo a um ritmo mais rápido do que a maioria dos analistas previa. De fato, o Exército russo, que suportou o peso do combate, é hoje maior do que era no início da guerra.*”⁵⁴ Deve-se notar também que as avaliações ocidentais das perdas russas são altamente questionáveis, com o próprio Pentágono admitindo que as estimativas de baixas russas são “*avaliações de baixa confiança*”, derivadas de fontes variadas — imagens de satélite, interceptações, publicações nas redes sociais — e que a falta de transparência as torna, “*na melhor das hipóteses, um retrato pouco confiável da guerra.*”⁵⁵

⁵¹ ‘UK to Stay in Afghanistan “As Long as It Takes”’, Reuters, 8 November 2010, <https://www.reuters.com/article/idUSTRE6A71TI/>.

⁵² Sobre este assunto, veja Bernard Brodie, *War and Politics* (London: Cassell, 1973), p. 25.

⁵³ Citado em Branko Marcetic, ‘Ukraine’s Tragedies: A “Good Deal” for some War Supporters’, *Responsible Statecraft*, 26 February 2024, <https://responsiblestatecraft.org/ukraine-war/>.

⁵⁴ Citado em Stavros Atlamozoglou, ‘Three Years into the Ukraine War, Russia’s Army Is Stronger Than Ever’, *National Interest*, 9 April 2025, <https://nationalinterest.org/blog/buzz/three-years-into-the-ukraine-war-russias-army-is-stronger-than-ever>.

⁵⁵ Citado em Anatoly Kurmanaev, ‘Russia Has Suffered Colossal Losses in Ukraine: Is Its Army Depleted?’ *New York Times*, <https://www.nytimes.com/2024/11/19/world/europe/russia-troops-losses-ukraine.html>; Veja

Da mesma forma, a União Europeia como um todo também perdeu, embora de forma mais gradual e com maiores custos, credibilidade tanto econômica quanto política⁵⁶. E para aqueles dispostos a observarem sem filtros ideológicos, o final nunca esteve realmente em dúvida — estava embutido no ato de abertura⁵⁷. Comparada a recentes empreitadas ocidentais — Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria — a Ucrânia é menos uma exceção do que o mais recente episódio de uma franquia de fracassos.

Curiosamente, vista em conjunto com esses outros triunfos brilhantes da arte de governar ocidental, levanta-se a incômoda questão: por que os erros de cálculo estratégicos persistem com tanta regularidade burocrática? O fracasso estratégico retorna como uma aflição sazonal, previsível, mas sem tratamento? É como se a lógica da política se tivesse tornado autônoma — avançando não através de deliberação fundamentada, mas através da repetição mecânica do erro, como se fosse guiada por algum programa de estudos universitário invisível, escrito com tinta que desaparece⁵⁸. Em termos Clausewitzianos, o Ocidente dominou a gramática da guerra, mas perdeu de vista a sua lógica⁵⁹ — substituindo o movimento pelo significado, a precisão pelo propósito e a publicidade pelos fins políticos.

GEOPOLÍTICA DEPOIS DA VIRTUDE: O GRANDE DESALINHAMENTO

Um dos contragolpes estratégicos mais óbvios dos últimos anos — facilmente previsível para qualquer pessoa que ainda não esteja intoxicada pela euforia do fim da história — foi a tentativa do Ocidente de isolar a Rússia⁶⁰. Comercializada como uma defesa de princípios da ordem baseada em regras, ela, em vez disso, acelerou o próprio mundo multipolar que a ortodoxia liberal outrora descartava como uma ficção polida⁶¹.

China e Rússia estão agora mais alinhadas do que nunca⁶². O BRICS, há muito considerado um exercício de *branding* em busca de uma função geopolítica, está repentinamente atraindo atenção real. Turquia e Indonésia, ambas conhecidas por sua arrogância antiocidental, estão entre as que agora consideram a adesão como uma

também 'Estimating Russian Casualties on the Ukrainian Front', 31 May 2025, <https://www.lvivherald.com/post/estimating-russian-casualties-on-the-ukrainian-front?>

⁵⁶ He Jun, 'The Decline of Europe Becomes More Evident', *Modern Diplomacy*, 23 February 2024, <https://moderndiplomacy.eu/2024/02/23/the-decline-of-europe-becomes-more-evident/>.

⁵⁷ Veja M.E. Sarotte, *Not One Inch: America, Russia, and the Making of Post-Cold War Stalemate* (New Haven, CT: Yale University Press, 2022).

⁵⁸ M.L.R. Smith, 'Why is the West So Rotten at Strategy?' *International Affairs*, Vol. 100, No. 4, July 2024, pp. 1591–1614.

⁵⁹ Clausewitz, *On War*, p. 605.

⁶⁰ M.L.R. Smith, 'The Return of Grand Strategy in the Indo-Pacific: The Fall Out from the Russia-Ukraine War', *The Hungarian Conservative*, Vol. 4, No. 1 (2024), pp. 65–73.

⁶¹ Guy Falconbridge, 'BRICS is for the Fairies until China and India Get Serious, "Mr. BRICS" Says', *Reuters*, 24 October 2024, <https://www.reuters.com/world/brics-is-fairies-until-china-india-get-serious-mr-brics-says-2024-10-23/>; Maria Repnikova, 'Russia's War in Ukraine and the Fractures in Western Soft Power', *Place Branding and Public Diplomacy*, Vol. 19 (2023), pp. 190–194.

⁶² 'Xi, Putin Hold Talks in Beijing, Charting Course for Enhanced Ties', *Xinhua*, 17 May 2024, https://english.www.gov.cn/news/202405/17/content_WS66469c33c6d0868f4e8e72bb.html.

proteção contra a volatilidade ocidental⁶³. A desdolarização — antes domínio de teóricos marginais — está silenciosamente se infiltrando nos portfólios institucionais⁶⁴.

A tentativa de reduzir o rublo a escombros não teve melhor desempenho. Permanece robusto e mais estável, de fato, do que várias moedas do G7⁶⁵. Enquanto isso, a ofensiva econômica mais ampla contra a Rússia teve um efeito bumerangue, prejudicando setores-chave da indústria ocidental com muito mais eficácia do que qualquer sessão estratégica regada a vodka no Kremlin ousaria sonhar⁶⁶. A indústria alemã envia suas desculpas — escondida atrás de uma fábrica fechada⁶⁷.

O subproduto geopolítico é um pacto eurasiático incipiente⁶⁸, que se aglutina não por afinidade ideológica, mas por um ceticismo compartilhado em relação ao Ocidente — especialmente em sua encarnação UE-OTAN — onde parece cada vez mais distraído, decadente e incapaz de moldar uma estrutura global à qual os outros se sintam obrigados a se conformar⁶⁹. Este ainda não é o colapso do sistema pós-1945, mas é um mundo em que muitos Estados não se veem mais forçados a escolher entre o clientelismo ocidental e o *status* de párias⁷⁰.

Uma coisa está cada vez mais clara: a ordem mundial que Washington e Bruxelas afirmam defender — uma ordem enraizada no internacionalismo liberal e nas normas pós-Guerra Fria — não se assemelha mais à realidade fragmentada e multipolar em que a maior parte do mundo habita. Pronunciamentos de líderes ocidentais no passado recente, como Joe Biden (presidente dos EUA, 2021-25) e o ex-secretário da OTAN, Jens Stoltenberg, invocaram repetidamente essa ordem liberal como um baluarte universal⁷¹, mesmo que sua relevância para além do Ocidente permaneça duvidosa.

⁶³ 'Turkiye Applies to Join BRICS', Middle East Monitor, 2 September 2024, <https://www.middleeastmonitor.com/20240902-turkiye-applies-to-join-brics/>; Sebastian Strangio, 'Indonesia Officially Becomes First Southeast Asian Member of BRICS', The Diplomat, 8 January 2025, <https://thediplomat.com/2025/01/indonesia-officially-becomes-first-southeast-asian-member-of-brics/>.

⁶⁴ 'De-dollarization Gains Momentum: 12 Countries Abandoned the US Dollar for Trade', Observer Diplomat, 17 January 2025, <https://observerdiplomat.com/de-dollarization-gains-momentum-12-countries-abandoned-the-us-dollar-for-trade/>.

⁶⁵ International Monetary Fund (IMF), 'Policy, Pivot, Rising Threats', World Economic Outlook, October 2024, <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2024/10/22/world-economic-outlook-october-2024>.

⁶⁶ Patricia Nilsson, Patrick Mathurin and Laura Pitel, 'German Manufacturing Job Losses Deepen Fears Over Industrial Decline', Financial Times, 19 February 2025, <https://www.ft.com/content/bdba0fc4-f651-41fa-9706-acaa4dc15bd0>.

⁶⁷ David Smith, 'Why is Germany's Economy in Such a Poor State?' The Times, 22 February 2025, <https://www.thetimes.com/business-money/economics/article/germany-economy-growth-industry-election-2025-dqp89mxdj>.

⁶⁸ Yaroslav Trofimov, 'Has World War III Already Begun?' Wall Street Journal, 13 December 2024, <https://www.wsj.com/world/has-world-war-iii-already-begun-16fb94c9>.

⁶⁹ Kalim Siddiqui, 'The Decline of the West and Shifting Dynamics in the Global Political Economy', World Financial Review, 3 December 2024, <https://worldfinancialreview.com/the-decline-of-the-west-and-shifting-dynamics-in-the-global-political-economy/>.

⁷⁰ Leslie Vinjamuri, et al, 'Competing Visions of International Order', Chatham House, 27 March 2025, <https://www.chathamhouse.org/2025/03/competing-visions-international-order/05-india-non-western-not-anti-western-worldview>.

⁷¹ Por exemplo, em 2017, Biden declarou em Davos: "Nossa atenção cuidadosa à construção e à sustentação da ordem mundial internacional, com os EUA e a Europa em seu centro... É imperativo que atuemos urgentemente para defender a ordem internacional liberal". Veja World Economic Forum, 'Defend the Liberal International

EFEITO EM MASSA: O RETORNO DA GUERRA INDUSTRIAL

Por décadas, a doutrina militar ocidental elevou a velocidade, a agilidade e a precisão como as virtudes definidoras da guerra moderna. A massa, por outro lado, foi relegada à lata de lixo histórica — um vestígio ultrapassado do passado, melhor arquivado ao lado da pistola de pederneira e da baioneta. A sabedoria predominante sustentava que o sucesso no campo de batalha não dependia mais do volume absoluto; em vez disso, esperava-se que a superioridade em informação e velocidade de comando tornasse a guerra de atrito obsoleta⁷². A mobilização em larga escala era vista não apenas como ineficiente, mas também como um anacronismo estratégico: muito lenta, muito cara e, no geral, evocativa demais da era sombria em que as guerras se arrastavam por mais tempo do que um ciclo de notícias.

Então veio a Ucrânia. E Gaza. E, mais recentemente, a eclosão das hostilidades entre Israel e o Irã. Junto com elas, vem a indesejada reafirmação da verdade nua e crua. Podemos debater o que significa massa na era digital — se as capacidades cibernéticas ou os fluxos de informação podem ser “aglomerados” como tanques, projéteis e infantaria⁷³. Mas a guerra na Ucrânia produziu um veredito preocupante: a massa ainda importa em seu sentido produtivo e cinético elementar⁷⁴. A capacidade industrial — medida não em *briefings* de aquisição sofisticados, mas em projéteis, drones e peças de reposição — continua a decidir guerras⁷⁵.

Os números da Ucrânia são instrutivos:

- A Rússia está produzindo projéteis de artilharia numa proporção de aproximadamente 3:1 em comparação com os esforços combinados do Ocidente⁷⁶ lxxvi].

Order – Top Quotes from Joe Biden’s Davos Swansong’, 18 January 2017, <https://www.weforum.org/stories/2017/01/defend-the-liberal-international-order-top-quotes-from-joe-bidens-davos-swansong/>. Em 2022, o conselheiro da Casa Branca declarou no contexto do apoio dos EUA à Ucrânia: “Isso é sobre o futuro da ordem mundial liberal e temos que permanecer firmes”, Zoe Strozewski, vídeo do conselheiro de Biden defendendo a “ordem mundial liberal” visto mais de um milhão de vezes, Newsweek, 1 July 2022, <https://www.newsweek.com/video-biden-adviser-defending-liberal-world-order-viewed-over-1m-times-1721022>. Veja também, OTAN, ‘Speech, By NATO Secretary General, Jens Stoltenburg, at the Heritage Foundation Followed by Audience, Q&A, 31 January 2024, https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_222258.htm.

⁷² Veja David S. Alberts, John J. Garstka and Frederick P. Stein, *Network Centric Warfare: Developing and Leveraging Information Superiority* (Washington, DC: Department of Defense, Command and Control Research Program, 2002).

⁷³ Veja Paul Murdock, ‘Principles of War on the Network Centric Battlefield: Mass and Economy of Force’, *Parameters*, Spring 2002, pp. 85-95; David Alman e Heather Veneble, ‘Bending the Principle of Mass: Why That Approach No Longer Works for Airpower’, *War on the Rocks*, 15 September 2020, <https://warontherocks.com/2020/09/bending-the-principle-of-mass-why-that-approach-no-longer-works-for-airpower/>; Benjamin Jensen e Jake S. Kwon, ‘The Convergence Conundrum: Achieving Mass in the Era of Artificial’, *Modern War Institute*, 1 April 2025.

⁷⁴ Alex Vershinin, ‘The Return of Industrial Warfare’, *RUSI* (Royal United Services Institute), 17 June 2022, <https://www.rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/return-industrial-warfare>.

⁷⁵ Loren Thompson, ‘Urgent Military Need For ‘Affordable Mass’ Can’t Wait for a New Generation of Smart Munitions’, *Forbes*, 16 May 2023, <https://www.forbes.com/sites/lorenthompson/2023/05/16/urgent-military-need-for-affordable-mass-cant-wait-for-a-new-generation-of-smart-munitions/>.

⁷⁶ Veja Yuri Zoria, ‘Russia Producing Three Times More Artillery Shells than US and EU for Ukraine’, *Euromaidan*, 11 March 2024, <https://euromaidanpress.com/2024/03/11/russia-producing-three-times-more-artillery-shells-than-us-and-eu-for-ukraine/>; Deborah Haynes, ‘Russia is Producing Artillery Shells Around Three Times Faster than Ukraine’s Western Allies and For About a Quarter of the Cost’, *Sky News*, 26 May 2024, <https://www.skynews.com/news/russia-artillery-shells-ukraine-western-allies>.

- Está fabricando mais veículos blindados, drones e mísseis do que toda a OTAN junta⁷⁷.

- Conseguiu isso sem deixar de pagar sua dívida⁷⁸ ou incendiar sua economia doméstica⁷⁹ — confiando, em vez disso, em fábricas modernizadas da era soviética e em uma máquina de mobilização em tempo de guerra que, por mais sombria que seja, se mostrou eficaz⁸⁰.

A resposta ocidental tem sido pouco inspiradora. Ela luta para manter seus próprios estoques, quanto mais para sustentar os de seu cliente ucraniano⁸¹. A taxa de produção americana de mísseis interceptores SM-3, por exemplo, é de 12 por ano⁸². Isso não é um erro de impressão. Mal dá para proteger um porta-aviões, quanto mais um país, um continente ou um sistema de alianças.

O que estamos testemunhando não é simplesmente uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia, mas um choque entre duas teorias rivais de guerra: o paradigma preferido do Ocidente, a finesse da era digital, e o modelo de desgaste da era industrial, que ele

<https://news.sky.com/story/russia-is-producing-artillery-shells-around-three-times-faster-than-ukraines-western-allies-and-for-about-a-quarter-of-the-cost-1314322>.

⁷⁷ 'Russia Ramps Up Drone Production as NATO Promises One Million Drones to Ukraine in 2024', Defense Mirror, 16 February 2024, https://www.defensemirror.com/news/36129/Russia_Ramps_up_Drone_Production_as_NATO_promises_one_million_drones_to_Ukraine_in_2024; 'Russia Produces over 1,400 ballistic Iskanders and 500 Kh-101s per year – Economist', Censor.Net, 9 May 2025, <https://censor.net/en/n3551251>; Tom Porter, 'Russia Produces As Much Ammo in 3 Months As All of NATO Does in a Year, Says NATO Chief', Business Insider, 11 June 2025, <https://www.businessinsider.com/russia-ammunition-production-nato-mark-rutte-2025-6>; David Axe 'How To Outfight Russia: Destroy At Least 4,500 Armored Vehicles A Year For Two Years — And do it Without America's Help', Forbes, 16 February 2024, <https://www.forbes.com/sites/davidaxe/2024/02/15/how-to-outfight-russia-destroy-at-least-4500-armored-vehicles-a-year-for-two-years-and-do-it-without-american-help/>.

⁷⁸ A dívida da Rússia já é muito menor do que a de muitos países ocidentais, atingindo US\$ 292,7 bilhões (14,6% do Produto Interno Bruto (PIB) em março de 2024): essa relação dívida/PIB se compara a 120,8% para os Estados Unidos (1º trimestre de 2025), 113% para a França (2024), 95,9% para o Reino Unido (2024) e 63,8% para a Alemanha (2025). Veja TakeProfit.org, <https://take-profit.org/en/statistics/government-debt-to-gdp/>; Federal Reserve Bank, 'Federal Debt: Total Public Debt as Percent of Gross Domestic Product', Federal Reserve Bank, <https://fred.stlouisfed.org/series/gfdegd188S>; 'United Kingdom Public Sector Net Debt to GDP', Trading Economics, <https://tradingeconomics.com/united-kingdom/government-debt-to-gdp>; 'Economic Forecast for Germany', European Commission, https://economy-finance.ec.europa.eu/economic-surveillance-eu-economies/germany/economic-forecast-germany_en.

⁷⁹ Aleksandra Prokopenko, 'Putin's Insatiable Appetite for War', Financial Times, 5 June 2024, <https://www.ft.com/content/2278e8c6-d8c9-4860-89e0-fc6c7d69b2e1>.

⁸⁰ Matthew Luxmoore, 'Russia Taps Soviet-Era Stockpiles as Armored-Vehicle Supply Dwindles', Wall Street Journal, 21 December 2024; Jack Watling and Oleksandr V. Danylyuk, 'Winning the Industrial War: Comparing Russia, Europe and Ukraine, 2022–24', Occasional Paper (London: RUSI, April 2025), pp. 7-27.

⁸¹ Jake Epstein e Chris Panella, 'U.S. Navy Burns Through Key Missiles Needed for China Fight', Business Insider, 11 October 2024, <https://www.businessinsider.com/us-navy-burns-through-key-missiles-needed-for-china-fight-2024-10>.

⁸² Wes Rumbaugh, 'Did the U.S. Defense of Israel from Missile Attacks Meaningfully Deplete Its Interceptor Inventory?' Center for Strategic and International Studies (CSIS), 4 December 2024, <https://www.csis.org/analysis/did-us-defense-israel-missile-attacks-meaningfully-deplete-its-interceptor-inventory>.

prematuramente relegou à história⁸³. Uma parece cada vez mais uma palestra do TED. A outra parece estar vencendo⁸⁴.

TEORIAS ELEGANTES, REALIDADES CONFUSAS: OS LIMITES DA MANOBRA E O RETORNO DA GUERRA MODERNA AO PASSADO

Por décadas, a doutrina militar ocidental tem enaltecido a guerra de manobra — operações em ritmo acelerado projetadas para flanquear o inimigo, atacar seus pontos fracos e destruir o moral antes mesmo que uma defesa adequada possa se formar⁸⁵. É, em essência, uma visão da guerra como coreografia: elegante, cinética e, de preferência, concluída antes que o risoto de alguém esfrie. A guerra de atrito, por outro lado, foi considerada uma relíquia — deselegante, desajeitada e evocativa demais da guerra de trincheiras da Primeira Guerra Mundial para ser levada a sério em uma era de fusão de sensores e munições guiadas por satélite⁸⁶.

O campo de batalha, no entanto, se recusa a se conformar a essa prescrição. As tão anunciadas contraofensivas da Ucrânia, por exemplo, naufragaram em campos minados com quilômetros de profundidade e sistemas de trincheiras que não pareceriam deslocados em 1916⁸⁷. As defesas estáticas supostamente obsoletas da Rússia — consideradas “*ultrapassadas e ineficazes*” em muitas avaliações ocidentais⁸⁸ — provaram ser não apenas duráveis, mas letalmente bem-sucedidas. Gaza também ofereceu pouco conforto à imaginação: menos *blitzkrieg*, mais rastejamento sangrento pelo concreto e pelo caos⁸⁹.

⁸³ Matthew Slusher, *Lessons from the Ukraine Conflict: Modern Warfare in the Age of Autonomy, Information, and Resilience* (Washington, DC: CSIS, May 2025), pp. 1-12.

⁸⁴ ‘Exclusive: Russia has Secret War Drones Project in China, Intel Sources Say’, Reuters, 26 September 2024, <https://www.reuters.com/world/russia-has-secret-war-drones-project-china-intel-sources-say-2024>.

⁸⁵ Veja William R. Richardson, ‘FM-100-5: The Air Land Battle in 1986’, *Military Review*, January-February 1997, pp. 174-177; ‘Mastering Maneuver Warfare Principles for Effective Strategy’, *Total Military Insight*, 18 June 2024, <https://totalmilitaryinsight.com/maneuver-warfare-principles-2/>; Randy Noorman, ‘The Return of the Tactical Crisis’, *Modern War Institute*, 27 March 2024, <https://mwi.westpoint.edu/the-return-of-the-tactical-crisis/>. Veja também Christopher Tuck, ‘The Future of Maneuver Warfare’, in in Mikael Weissmann and Niklas Nilsson (eds.), *Advanced Land Warfare: Tactics and Operations* (Oxford: Oxford University Press, 2023), pp. 25-42.

⁸⁶ William Lind, *Maneuver Warfare Handbook* (London: Routledge, 1985), p. 4.

⁸⁷ David J. Betz, ‘Russian Fortifications Present an Old Problem for Ukraine’, *Engelsberg Ideas*, 20 July 2023, <https://engelsbergideas.com/essays/russian-fortifications-present-an-old-problem-for-ukraine/>.

⁸⁸ ‘Russia’s Military Strategies and Tactics: Outdated and Ineffective’, *Eureporter*, 19 August 2024, <https://www.eureporter.co/world/russia/2024/08/19/russias-military-strategies-and-tactics-outdated-and-ineffective/>. Veja também Rob Lee and Philip Wasielewski, ‘Russia’s War in Ukraine: Critical Vulnerabilities to Russia’s Military Operations and Systems’, *Foreign Policy Research Institute (FPRI)*, 30 June 2023, <https://www.fpri.org/article/2023/06/russias-war-in-ukraine-critical-vulnerabilities-to-russias-military-operations-and-systems/>; Seth G. Jones, Alexander Palmer and Joseph S. Bermudez, *Ukraine’s Offensive Operations: Shifting the Offense-Defense Balance*, *CSIS Briefs*, June 2023, pp. 1-15; Riley McCabe, ‘Russia Says it is Winning: The Data Says Otherwise’, *The Washington Post*, 12 June 2025, <https://www.washingtonpost.com/opinions/interactive/2025/russia-losing-casualties-ukraine-war/>.

⁸⁹ John Spencer, ‘These are the Challenges Facing Israeli Ground Forces in Gaza’, *Modern War Institute*, 11 October 2023, <https://mwi.westpoint.edu/these-are-the-challenges-awaiting-israeli-ground-forces-in-gaza/>.

A tão apregoada revolução na guerra de precisão — completa com bombas “inteligentes”, drones ISR⁹⁰ e mira em tempo real — não tanto derrubou velhas doutrinas, mas ressaltou sua relevância permanente. A precisão, ao que parece, não torna a massa obsoleta. Ela apenas garante que o que for atingido seja atingido com precisão. No entanto, isso, por si só, não desaloja o inimigo quando ele ainda está entrincheirado, ainda atirando de volta e ainda lá depois que a fumaça se dissipa⁹¹.

O que estamos testemunhando não é o advento de um novo tipo de guerra, mas o teimoso reaparecimento do que antes se pensava banido da história: menos Vale do Silício, mais Verdun com drones. E, apesar do que os folhetos de tecnologia brilhantes possam ter prometido, a guerra continua sendo um teste de força e perseverança. E, no final das contas, isso ainda recompensa o lado que consegue absorver a punição, não apenas aplicá-la com elegância algorítmica.

BIRRAS DE TEMPO: VELOCIDADE SEM VITÓRIA

Disseram-nos que a velocidade mata. A vitória, garantiram-nos, pertence aos velozes⁹². A guerra moderna, nessa narrativa, deve ser conduzida em ritmo acelerado — executada rapidamente, concluída ainda mais rapidamente, de preferência antes que os eleitores se cansem ou as pesquisas piorem. Mas, mais uma vez, a teoria colidiu com a realidade — e a realidade, como sempre, se recusa a seguir os planos de campanha ou os prazos do calendário.

Do Iraque ao Afeganistão e à Ucrânia, a obsessão do Ocidente por guerras rápidas produziu uma infeliz ladainha de debacles sem fim — não porque a velocidade seja inerentemente falha, mas porque foi confundida com estratégia⁹³. Na prática, operações rápidas têm sido frequentemente usadas no lugar de um planejamento coerente, deixando os formuladores de políticas despreparados para o que se segue à explosão de impulso inicial.

O que nos resta é um movimento disfarçado de progresso. A velocidade digital — completa com painéis, *feeds* de drones e aplicativos de percepção situacional — provou ser um substituto ineficaz para virtudes mais antiquadas: paciência estratégica, resistência industrial e determinação política. O Ocidente dominou a arte de iniciar guerras rapidamente. Continua bem menos hábil em terminá-las.

SUPREMACIA NARRATIVA, REALIDADE DO CAMPO DE BATALHA

Poucas expressões desfrutaram de tanto prestígio recente quanto “guerra da informação”⁹⁴ — a ideia de que o sucesso em um conflito depende não apenas dos

⁹⁰ ISR neste contexto denota Inteligência, Vigilância, Reconhecimento (do inglês *Intelligence, Surveillance, Reconnaissance*).

⁹¹ Yaroslav Trofimov, ‘High-Tech American Weapons Work Against Russia—Until They Don’t’, *Wall Street Journal*, 10 July 2024, <https://www.wsj.com/world/us-weapons-russia-ukraine-0eed240c>.

⁹² Tommy Franks, *American Soldier* (New York: Regan Books, 2004), p. 400.

⁹³ Lawrence D. Freedman, ‘The Age of Forever Wars: Why Military Strategy No Longer Delivers Victory’, *Foreign Affairs Magazine*, May/June 2025, <https://www.foreignaffairs.com/age-forever-wars>.

⁹⁴ Veja por exemplo, Robert E. Leonhard, *The Principles of War for the Information Age* (New York: Ballantine, 2000); Andrew Jones and Gerald L. Kovacich, *Global Information Warfare: The New Digital Battlefield*

resultados no campo de batalha, mas do domínio do espaço da informação: proteger os próprios fluxos de dados, interromper os do adversário e controlar o terreno narrativo⁹⁵. De painéis de *think tanks* a *white papers* de defesa, expressões como comunicação estratégica, operações de influência e modelagem narrativa têm sido elogiadas como os novos instrumentos de vantagem⁹⁶ — como se pudessem eliminar a necessidade de tanques, projéteis ou a capacidade de absorver e infligir perdas sustentadas. A vitória, hoje em dia, como se costuma dizer, “*não depende de qual exército vence, mas de qual história vence*”⁹⁷.

A Ucrânia, por quase todos os critérios ocidentais, venceu a “guerra da informação” com folga: imagens cinematográficas, memes inteligentes e a rebeldia característica de Zelensky — tudo impecavelmente embalado para consumo global⁹⁸. O audacioso ataque da Ucrânia contra a frota de bombardeiros estratégicos da Rússia no início de junho de 2025, lançado a partir de contêineres de caminhões civis modificados no interior do território russo, foi apenas o mais recente auge da diplomacia de drones do país⁹⁹.

A operação entusiasmou os formadores de opinião no Ocidente, com comentaristas aclamando-a como ousada, brilhante e disruptiva. Um escritor declarou que se tratou de “*uma extraordinária operação secreta*” que “*deixou muitos bombardeiros estratégicos russos em chamas e analistas buscando superlativos*”¹⁰⁰, enquanto outro proclamou que o ataque teve “*implicações revolucionárias para o futuro da guerra*”¹⁰¹.

Ignorado em tudo isso foi o fato de que os bombardeiros russos estavam estacionados em local aberto como parte dos termos do Tratado de Limitação de Armas Estratégicas (SALT), que visa salvaguardar a transparência e a verificabilidade das forças nucleares entre os EUA e a Rússia¹⁰². O fato de isso ter sido visto como um triunfo da mídia diz muito, pois contém o potencial de desvendar tabus da era nuclear, desestabilizar acordos de controle de armas de longa data e convidar a retaliações em

(London: Routledge, 2016); Christopher Whyte, A. Trevor Thrall and Brian M. Mazenec (eds.), *Information Warfare, in the Age of Cyber Conflict* (London: Routledge, 2021); Richard Stengel, *Information Wars: How We Lost the Global Battle Against Disinformation and What We Can Do About It* (London: Grove, 2019); Philip Seib, *Information at War: Journalism, Disinformation, and Modern Warfare* (Cambridge: Polity, 2021).

⁹⁵ Veja OTAN, ‘Media-Dininformation-Security’ (2020), https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2020/5/pdf/2005-deepportal4-information-warfare.pdf.

⁹⁶ See James P. Farwell, *Persuasion and Power: The Art of Strategic Communication* (Washington, DC: Georgetown University Press, 2012).

⁹⁷ Joseph P. Nye, ‘The Information Revolution and Soft Power’, *Current History*, Vol. 113, No. 759 (2014), p. 7.

⁹⁸ Michael Butler, ‘Ukraine’s Information War is Winning Hearts and Minds in the West’, *The Conversation*, 12 May 2022, <https://theconversation.com/ukraines-information-war-is-winning-hearts-and-minds-in-the-west-181892>.

⁹⁹ Tessa Fleming, ‘What We Know about Ukraine’s ‘Spider’s Web’ Drone Attack on Russia’s Air Bases’, *ABC News* (Australia), 2 June 2025, <https://www.abc.net.au/news/2025-06-02/ukraine-drone-attack-on-russian-air-bases-explained/105364708>.

¹⁰⁰ Olga Tokariuk, ‘Ukraine’s ‘Trojan Horse’ Strike Scorches Putin’, *Center for European Policy Analysis*, 3 June 2025, <https://cepa.org/article/ukraines-trojan-horse-strike-scorches-putin/>.

¹⁰¹ Owen Matthews, ‘Ukraine is Gaining the Upper Hand: Putin Will Be Terrified’, *Daily Telegraph*, 2 June 2025, <https://www.telegraph.co.uk/news/2025/06/02/ukraine-drone-strike-putin-russia/>.

¹⁰² Sumit Ahlawat, ‘“Sitting Ducks” For Ukraine! How 2010 U.S.-Russia Treaty Helped Kyiv’s UAVs Destroy Russian Nuclear Bombers?’ *Eurasian Times*, 3 June 2025, <https://www.eurasiantimes.com/did-a-2010-treaty-help-ukraine-in-targeting-russian-bombers/>.

território da OTAN¹⁰³. Há uma fé quase comovente de que a Rússia — e futuros adversários — jogarão de acordo com regras que não são mais respeitadas por aqueles que celebram sua violação.

No entanto, o ponto crucial é que nada disso altera o equilíbrio no campo de batalha. A Rússia continua a ocupar territórios, supera a Ucrânia em produção militar por uma ampla margem e, portanto, dita o ritmo da guerra. O paradoxo é inconfundível: enquanto Kiev se destacou em resistência estética e dramaturgia transmitida por drones¹⁰⁴, Moscou recorreu a tratores e táticas de detonação¹⁰⁵. Só porque a Rússia não está abrindo caminho com choques e pavor pela Ucrânia não significa que seu conceito de operações seja falho.

A realidade é, novamente, simples. Vencer a narrativa não é o mesmo que vencer a guerra. Pode ser importante — principalmente para sustentar o apoio doméstico —, mas o domínio narrativo por si só não oferece proteção quando os estilhaços começam a voar.

O MAL-ESTAR ESTRATÉGICO DO OCIDENTE: POLÍTICA EXTERNA COMO PERFORMANCE TEATRAL

Desde o fim da Guerra Fria, as intervenções militares ocidentais raramente foram motivadas por ameaças existenciais. Em vez disso, funcionaram como atos expressivos — respostas emocionais a atrocidades, terror ou calamidades televisionadas. O imperativo norteador tem sido menos uma questão de necessidade estratégica do que uma resolução performática: algo precisa ser feito, e precisa ser visto como feito¹⁰⁶. Trata-se de política externa como teatro — ação suficiente para sinalizar compromisso com um princípio universal, mas não o suficiente para concretizar esse compromisso a longo prazo ou para incorrer em risco real para o núcleo metropolitano.

Os resultados são, a esta altura, deprimentemente familiares. Iraque, Afeganistão, Líbia, Síria¹⁰⁷: cada um foi lançado sob a bandeira da urgência moral e da elevação retórica, apenas para culminar em exaustão, incoerência estratégica ou no silencioso enterro de lições não aprendidas¹⁰⁸.

¹⁰³ Veronika Melkozerova, 'Ukraine Releases New Footage of Daring AI Strikes that Crippled Putin's Bomber Fleet', Politico, 4 June 2025, <https://www.politico.eu/article/ukraine-releases-new-footage-ai-strikes-drone-russia-putin-bomber-fleet-spiderweb/>.

¹⁰⁴ Mike Collett-White, Prasanta Kumar Dutta and Mariano Zafra, 'How Ukraine Pulled Off an Audacious Attack Deep Inside Russia', Reuters, 5 June 2025, <https://www.reuters.com/graphics/UKRAINE-CRISIS/DRONES-RUSSIA/mypmjzayvvr/>.

¹⁰⁵ Jemal R. Brinson, Juanje Gómez e James Marson, 'Blasting a Path: An Illustrated Guide to Russia's Battle Tactics', Wall Street Journal, 13 April 2025, <https://www.wsj.com/world/europe/blastng-a-path-an-illustrated-guide-to-russias-battle-tactics-a0163d9c>.

¹⁰⁶ David J. Betz, 'In Search of a Point: The Blob at War', Military Strategy Magazine, Special Edition, 'The Continuing Relevance of Clausewitz', December 2020, pp. 22-27.

¹⁰⁷ É possível adicionar a experiência dos EUA na Guerra do Vietnã a esta lista. Veja M. Chris Mason, *The Strategic Lessons Unlearned from Vietnam, Iraq, and Afghanistan*, (Carlisle, PA: United States Army War College Press, 2015), pp. 175-210.

¹⁰⁸ M.L.R. Smith, 'The Roots of Bad Strategy', Military Strategy Magazine, Vol. 9, No 1 (2023), pp. 10-18.

A Ucrânia, no entanto, é diferente. Os riscos são maiores. O adversário é muito mais forte. A capacidade industrial e a resiliência social da Rússia são muito maiores do que a de qualquer regime frágil no Oriente Médio ou no Norte da África¹⁰⁹. No entanto, a resposta instintiva do Ocidente permanece curiosamente inalterada: moralmente enfática, logisticamente improvisada e industrialmente insustentável. A OTAN parece determinada a travar uma guerra terrestre do século XX nos termos do século XXI, com estoques da década de 1990 e uma capacidade de atenção mais atenta a comunicados de cúpula e *briefings* trimestrais de imprensa do que a qualquer intenção estratégica de longo prazo.

Na verdade, muitas dessas intervenções parecem menos otimizadas para o campo de batalha do que para o palco curado da respeitabilidade liberal — elaboradas para receber aplausos em colunas de opinião, painéis de discussão e fóruns de políticas onde a postura moral sempre supera as restrições materiais. Elas são calibradas para a aprovação dos que pensam corretamente, não para os requisitos do sucesso estratégico. Aqui, a vitória é opcional, enquanto a demonstração de virtude é obrigatória.

CONCLUSÃO: O PASSADO ESTÁ DE VOLTA

É claro que drones, *smartphones* e sensores digitais alteraram a textura da guerra¹¹⁰. Mas não, como se esperava, de maneiras que favorecessem inerentemente o Ocidente — ou que oferecessem um caminho claro e clicável para a vitória. Garantiram-nos que a era da informação achataria as fronteiras, substituiria o poder de fogo por fibra óptica e substituiria as divisões blindadas por narrativas. Em vez disso, obtivemos trincheiras, mobilização em massa e um bloco eurasiático emergente, armado tanto com capacidade industrial quanto com vontade civilizacional — um bloco, aliás, cada vez mais disposto a desafiar uma hegemonia ocidental em declínio. Não é bem a utopia holográfica imaginada pelos profetas do PowerPoint.

Os modelos militares ocidentais não vacilam por falta de virtude, mas porque se baseiam em suposições que, se algum dia foram viáveis, não se aplicam mais. O futuro, inconvenientemente, não chegou no prazo. E o passado, com a mesma rudeza, recusa-se a permanecer enterrado.

O que a guerra mostrou? Oito lições cruciais em realismo estratégico podem ser discernidas:

- 1. A capacidade industrial ainda vence guerras:** *tweets* não produzem projéteis de artilharia e curtidas não mantêm as linhas abastecidas.
- 2. Massa importa:** a precisão só funciona quando você tem o suficiente para fazer a diferença. Sem massa, até o ataque mais primoroso se torna um gesto.

¹⁰⁹ See Matthew Luxmoore, 'How Putin Keeps Russia's Battle-Hardened Veterans on His Side', *Wall Street Journal*, 9 May 2025, <https://www.wsj.com/world/russia/russia-putin-war-veterans-17ab4fd9>; Thibault Spirlet, 'Putin's Business Buddies Don't Western Companies Back in Russia', *Business Insider*, <https://www.businessinsider.com/putin-business-allies-oppose-return-western-companies-russia-mcdonalds-2025-6>; Ekaterina Paustyan, 'Elite Cohesion and Resilience of the Russian Regions: The Case of Belgorod Oblast', *Post-Soviet Affairs*, Vol. 40, No. 4 (2024), pp. 296-312.

¹¹⁰ Matthew Ford, 'From Innovation to Participation: Connectivity and the Conduct of Contemporary Warfare', *International Affairs*, Vol. 100, No. 4 (2024), pp. 1531-1549.

3. Soft power não é eterno: a narrativa civilizacional do Ocidente não convence mais como antes. Uma cultura incerta sobre seus próprios valores luta para projetá-los no exterior.

4. Guerra cibernética adiciona atrito, não transcendência: ela obscurece o julgamento mais do que esclarece a luta e não pode substituir o aço.

5. Choque e o pavor não são uma panaceia: podem subjugar oponentes fracos, mas vacilam diante de defesas preparadas e resistência determinada.

6. A manobra tem seus limites: promete elegância, mas frequentemente causa desgaste. O que começa como arte operacional frequentemente termina em um campo de crateras, um avanço estagnado ou uma ocupação improvisada de terreno hostil.

7. Domínio digital não é sinônimo de controle territorial: não se conquista território com *hashtags* — e drones não protegem território. A informação pode moldar percepções, mas apenas botas fincam bandeiras.

8. Coragem política continua decisiva: a vitória não pertence aos eloquentes nem aos ágeis, mas ao lado que consegue resistir à tempestade.

No fim das contas, o sucesso estratégico não depende de quem reage mais rápido ou de quem dita as tendências com mais firmeza, mas das verdades tediosas e sem *glamour* que subjazem à guerra moderna: produção, paciência e propósito.

E se Clausewitz estivesse vivo hoje, estaria atualizando seus termos de serviço — enquanto observaria o Ocidente perder o sinal em um mundo que antes acreditava ter depurado.

Publicado no [Military Strategy Magazine](#).

***David J. Betz** é Professor de Guerra no Mundo Moderno, Departamento de Estudos de Guerra, King's College, Londres.

***M.L.R. Smith** é Professor de Teoria Estratégica no Centro para a Defesa Futura e Segurança Nacional, em Canberra.
